

# PEQUENOS NOTÁVEIS



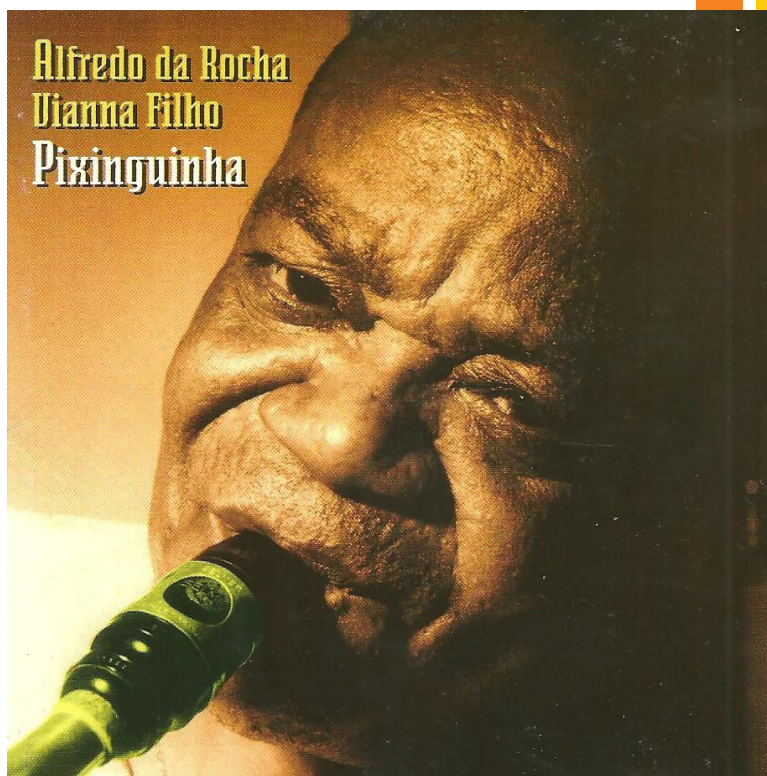
## PIXINGUINHA

Por Pedro Paulo Malta

1897 – Em 23 de abril, dia de São Jorge, nasce Alfredo da Rocha Vianna Filho, no bairro da Piedade, Zona Norte do Rio de Janeiro. É um dos 14 rebentos de Raimunda Maria da Conceição: quatro do primeiro casamento, com João de Oliveira Torres, e dez do segundo, com Alfredo da Rocha Vianna. Pixinguinha ainda era bem menino quando a família Vianna trocou a Piedade pelo bairro do Catumbi, na subida para Santa Teresa. Foi neste bairro que nosso personagem foi criado.

Seu pai era funcionário da Repartição Geral de Correios e Telégrafos e chegou a ser chefe de seção da usina de eletricidade. Nas horas vagas, atuava como flautista, sendo muito solicitado nas rodas da cidade, como descreve Alexandre Gonçalves Pinto (mais conhecido como Animal) em seu livro de memórias, *O Choro*: “Tocava de primeira vista, a princípio na sua flauta amarela de cinco chaves e, ultimamente, em uma de novo sistema”. Também promovia em sua casa saraus recheados de grandes músicos, que faziam parte de seu círculo de amizades: os violonistas Quincas Laranjeira, João Pernambuco e Sátiro Bilhar, o trompetista Luís de Souza, Candinho Trombone, o flautista Juca Kallut, o soprista Irineu de Almeida e o maestro Heitor Villa-Lobos, entre outros. A única composição de Seu Alfredo de que se tem notícia, a valsa *Tristezas Não Pagam Dívidas*, seria passada para a partitura por Pixinguinha.

A casa dos Vianna no Catumbi era um casarão com oito quartos, quatro salas e um quintal enorme. Aproveitando o espaço, Seu Alfredo usava parte da casa para abrigar a família e alugava alguns quartos para os amigos músicos, motivo pelo qual o imóvel ficou conhecido como Pensão Vianna. Entre os hóspedes, o casarão abrigou pelo menos três grandes nomes da música brasileira: Sinhô, o Rei do Samba, o trompetista Bonfiglio de Oliveira e o instrumentista e compositor Irineu de Almeida, o Irineu Batina. “O inquilino Irineu, que tocava trombone, oficleide e bombardino, foi quem ensinou música ao pequeno Alfredo e afirmou: ‘Esse menino promete’”, conta Henrique Cazes, autor do livro *Choro, do Quintal ao Municipal*.



Alfredo da Rocha  
Vianna Filho  
Pixinguinha

1898 – No dia 5 de maio, é batizado na Igreja de Santana, na Cidade Nova, pelo padre José Fernandes Pereira.

1900 – No Catumbi, cresce brincando na rua com os meninos da vizinhança; sua patota era formada por Amadeu, Haroldo, Mário Boi e Pedro Linguíça. Com eles, o menino Pixinguinha jogava bola de gude e soltava pipa. “Entretanto, fracassou em todas as tentativas que fez no futebol”, conta um perfil de Pixinguinha assinado por Paulo Pereira na Revista da Música Popular (edição de novembro de 1955), dando a entender que a magreza atrapalhava: mesmo quando cresceu de vez, na adolescência, continuou pesando 50 quilos.

1905 – Pouco se sabe sobre a vida escolar de Pixinguinha. Sabe-se, por exemplo, que foi alfabetizado por um professor particular chamado Bernardes e que as aulas eram penosas para o nosso personagem. É que o professor punia seus alunos dando bolos de palmatória e obrigando-os a ficar ajoelhados, o que era um sofrimento para Pixinguinha, que, devido a um problema nos joelhos, saía das aulas de alfabetização com dores terríveis nas pernas. “O joelho doía e eu chorava”, disse Pixinguinha, segundo Sérgio Cabral (*Pixinguinha, Vida e Obra*). Depois (não se sabe quando), foi estudar no Liceu Santa, onde foi colega de turma do cantor Vicente Celestino. De lá foi transferido para o tradicional Colégio São Bento, mas também não se sabe quando, nem por quanto tempo, frequentou as aulas. Pixinguinha chegou a ser sacristão do Mosteiro nos tempos de aluno do São Bento.

1908 – Aos 11 anos, já sabia alguma coisa de música, graças à boa percepção musical (“Sempre tive um bom ouvido”) e aos irmãos Leo e Henrique, que o iniciaram no cavaquinho – seu primeiro instrumento. “Fazia um dó maior, um sol maior, tudo ensinado pelos meus irmãos”, dizia Pixinguinha. Assim que percebeu que o filho tinha capacidade (e gostava) de acompanhá-lo no cavaquinho, Seu Alfredo passou a carregar Pixinguinha com ele para os saraus. Foi nesses ambientes que nosso personagem trocou o cavaquinho pela flauta – inicialmente uma flauta rudimentar feita de folha de flandres. Ainda nesse ano, o músico Irineu de Almeida – morador da Pensão Vianna – se impressiona com o talento do menino e recomenda a Seu Alfredo que o coloque para estudar música.

Primeiro, Pixinguinha e os irmãos foram aprender música com o bombardinista César Bórges Leitão, colega de Seu Alfredo nos Telégrafos. “Meu pai comprou a *Artinha* – método de aprendizado de música – de Francisco Manuel e as aulas eram dadas três, quatro vezes por semana.” Mais atarefados, os irmãos foram desistindo das aulas e Pixinguinha permaneceu. Mesmo assim, não durou muito: “Ele não tinha nada a me ensinar, pois tudo o que sabia me transmitira”. A aspiração do menino era ganhar uma requinta – espécie de clarinete menor –, mas Seu Alfredo não correspondeu: era caro para suas possibilidades e, também, achava o instrumento complexo demais para o garoto. O segundo professor de Pixinguinha foi o próprio Irineu de Almeida, cada vez mais impressionado quando via o menino tocar “flautinha de folha”.

Gordo e bonachão, Irineu Batina (como era conhecido no meio musical, pela casaca que usava sempre, mesmo nos dias de calor) tocava oficleide – instrumento de sopro da família dos metais, muito comum entre os chorões até as primeiras décadas do século XX. Foi no oficleide que se delineou um dos traços mais marcantes do choro: o tipo de contracanto conhecido como baixaria, atualmente realizado pelo violão de sete cordas. As frases de Irineu Batina no oficleide seriam a principal inspiração para Pixinguinha nos anos 40, quando ele trocava a flauta pelo saxofone e fazia/gravava contrapontos geniais para os solos de flauta de Benedito Lacerda.

Incorporado imediatamente ao Choro Carioca (grupo de Irineu de Almeida), Pixingui-

nha era menino ainda quando começou a tocar em festas e bailes, aos quais comparecia sempre com a flauta e com o cavaquinho. Ele contava que foi numa reunião musical na Pena, em Jacarepaguá, que passou a se considerar músico de fato, depois de ter passado meia hora tocando a polca *Língua de Preto* (Honorino Lopes) sem errar. Impressionado, o mestre Batina declarou o pupilo vitorioso. “Eu era um molecote azougado. A minha cor, o meu tamanho e a minha flauta me tornavam interessante”, disse Pixinguinha em entrevista a O Jornal, em janeiro de 1925. Foi também nessa época de fedelho que começou, precocemente, a beber e a fumar, “para se inspirar melhor”, como se dizia no meio musical. Na volta das noitadas etílicas, seus companheiros tinham o hábito de filar as latas de leite que amanheciam na porta das casas, “para desintoxicar”. Pixinguinha dizia que nunca participou das bicadas, mas o hábito lhe inspirou a fazer sua primeira composição: o choro *Lata de Leite*.

E foi em 1908 que morreu, com mais de 90 anos, Dona Edelwirges, avó materna de Pixinguinha. Foi ela que entrou para a história como autora do apelido do neto famoso, pois “era africana” e “falava atrapalhado”, mas veremos adiante que não foi bem assim.

1911 – Estreia em disco, tocando flauta com o grupo Choro Carioca, na gravadora Favorite Record. Liderado por Irineu de Almeida, o grupo contava com dois irmãos de Pixinguinha nos violões (Otávio, o China, e Leo). A primeira música gravada foi a polca *Nhonhô em Sarilho* (Guilherme Cantalice), seguida por quatro composições de Irineu de Almeida: as polcas *Nininha* e *Daineia*, o schottisch (xote) *Salve* e o tango *São João Debaixo d’Água*. Gravaram também, neste ano, a polca *Isto Não É Vida*, de autor desconhecido. Pixinguinha tocou numa flauta de prata da marca Balancina Billoro (italiana), presente de seu pai, que precisou desembolsar 600 mil-réis para efetuar a importação do instrumento. Foi em 1911 que Pixinguinha começou a tocar flauta na orquestra do rancho carnavalesco Filhas das Jardineiras, também a convite de Irineu Batina, diretor de harmonia da agremiação fundada em 1905 (na Rua Dr. Mesquita, entre a Central do Brasil e a Praça Onze). Foi neste rancho – vestindo bonezinho azul e solferino, cores da agremiação, que conheceu os amigos de vida inteira João da Baiana e Ernesto dos Santos (o Donga). E foi lá também que se apaixonou pela pastora e atriz do teatro de revista Irene Nascimento, que, se não deu asas às pretensões de Pixinguinha, serviu de musa para pelo menos um clássico de seu repertório: o choro *Sofres Porque Queres*.

Foi também aos 14 anos de idade que Pixinguinha teve seu primeiro emprego profissional, tocando flauta na choperia La Concha (Lapa), no conjunto do pianista Pádua Machado, que contava também com o violinista Otavio Vianna (o China, irmão de Pixinguinha) e com o trompetista Bonfiglio de Oliveira. Ganhava seis mil-réis por noite. Quem também tocava na choperia era Arthur Nascimento, o Tute, grande violonista de sete cordas e mestre de Horondino Silva, o Dino Sete Cordas. Em *Pixinguinha, Vida e Obra*, Sérgio Cabral conta que nosso personagem chegou a se apresentar “muitas vezes com o fardamento do Mosteiro de São Bento”, onde estudava e gazeteava aula para trabalhar no La Concha. O mesmo livro informa que, pouco depois, Pixinguinha trabalhou em outras casas noturnas, como o ABC (Rua Mem de Sá, na Lapa), o Ponto (Praça Tiradentes) e o Cabaré Cassino (Rua dos Arcos, Lapa).

E foi em 1911 que Pixinguinha tocou, pela primeira vez, num teatro – maior mercado de trabalho para os músicos naquela época –, substituindo o renomado Antônio Maria Passos, que caiu doente, numa peça de revista no Teatro Rio Branco. Quem indicou o adolescente foi o grande violonista Tute, que foi à casa da família Vianna chamar o menino e o encontrou soltando pipa. “Respondi: ‘Não, não vou, não. Eu, hein?’ Naquele tempo, o Teatro Rio Branco tinha muito prestígio. Mas minhas irmãs ficaram em cima: ‘Vai! Vai!’. Não queria ir, mas elas insistiram: ‘Vai! Deixa de ser tolo!’. Acabei

aceitando”, contou Pixinguinha (depoimento ao Museu da Imagem e do Som), que foi de calças curtas ao local de trabalho. “Tute me apresentou ao Seu Auler, que estava na sala de espera. “Esse moço é quem vai tocar no lugar do Antônio Maria? – Seu Auler admirou-se. – Mas ele não é moço, não é nada. É um fedelho!” No fim das contas, fez sucesso com o dono do cinema, com o regente da orquestra (Paulino Sacramento) e com o público, que vaiou Antônio Maria Passos na primeira apresentação após o afastamento. Resultado: Pixinguinha foi efetivado no emprego.

1912 – Foi por esta época que o trompetista Bonfiglio de Oliveira chegou para morar na Pensão Vianna. E foi também em 1912 que, um ano após estrear como músico de carnaval, tornou-se diretor de harmonia do rancho Paladinos Japoneses. A vivência nos desfiles de rancho seria uma das bases da formação musical de Pixinguinha. No mesmo ano, passa a integrar o Trio Suburbano, com Francisco de Assis (violino) e Pedro Sá (piano).

1914 – Pixinguinha, pela primeira vez, registra uma música: o tango *Dominante*, assinando como Alfredo da Rocha Vianna (Pizidin). O registro foi feito na Carlos Wehrs, uma das muitas casas de música que havia na Rua da Carioca, onde compositores editavam suas músicas, cujas partituras ficavam à disposição de quem quisesse comprá-las para executar em casa. Naquela época, não eram poucas as famílias cariocas que se reuniam em torno do piano para, pelo menos uma vez por semana, tocar e cantar música brasileira com amigos e familiares. Nestes saraus, o repertório era constituído principalmente por polcas, mazurcas, maxixes, choros e outros gêneros tocados a partir de partituras compradas em lojas como a Carlos Werhs, A Melodia, Ao Bandolim de Ouro, A Guitarra de Prata, Carlos Gomes...

Pizidim, Pizindim, Pinzindim, Pizinguim, Bexiguinha, Pixigui, Pixingui, Pexiguinha, Pexiquinha... Pixinguinha. Até chegar à forma final, o apelido que acabou valendo como nome para Alfredo da Rocha Vianna Filho teve diversas variações durante a infância e a adolescência do rapaz – em parte, por conta dos erros da imprensa, mas também pela origem fragmentada e imprecisa do nome. Desde muito novinho, ele era chamado pela avó de Pinzindim – apelido que, muito tempo depois, o pesquisador Almirante diria que significa “menino bom” num dialeto africano. “Minha avó era africana”, dizia nosso personagem, que complementou a história no depoimento ao Museu da Imagem e do Som (1968): “Agora, Pixinguinha é porque eu tive bexiga (como a varíola era chamada popularmente), então eles me tratavam de Bixiguinha, Pixiguinha... Houve essa complicação de apelidos e eu não sei por que eu fiquei como Pixinguinha. Não sei se foi pelos discos. Não sei por que foi”. Se nem ele sabia, imagine nós. O que se sabe, no entanto, é que Pixinguinha não teve avó africana. Foi o que garantiram três irmãs do músico, Cristodolina, Hermengarda e Jandira: tanto Dona Edelwirges (avó materna) quanto Dona Pacífica (avó paterna) eram brasileiras e não falavam enrolado. Segundo as três filhas de Seu Alfredo e Dona Raimunda, foi a prima Eurídice (vulgo Santa) quem deu ao irmão o apelido de Pizindim ou Pizinguim.

O ano de 1914 é marcado também pela criação do Grupo de Caxangá, cujo nome era inspirado na música *Cabocla de Caxangá*, sucesso do carnaval daquele ano, composto por Catulo da Paixão Cearense (que assinou a canção sozinho) e João Pernambuco. Seguindo a onda de música nordestina, que vigorava na época, seus integrantes usavam chapéu de palha com a aba virada para cima e apelidos matutos retirados da letra de *Cabocla de Caxangá*: Pixinguinha era Chico Dunga, João Pernambuco virou Guajurema, Donga passou a ser Zé Vicente, Henrique Manuel de Souza foi apelidado de Mané Francisco, Nola virou Zé Porteira, Caninha se tornou Mané do Riachão, Osmundo Pinto era Inácio da Catingueira e Raul Palmieri, Zeca Lima. Desfilaram por ruas do Centro nos três dias do carnaval de 1915.



1916 – Morre Irineu Batina, aos 26 anos. Poucos dias antes da morte, esteve na casa de Pixinguinha e chorou de emoção ao ver o aluno tocar na flauta *Daineia*, de sua autoria. Foi o que contou o cantor Nozinho (Carlos Vasques, apresentador dos discos da Casa Edison) ao pesquisador Ary Vasconcelos.

1917 – Ano do lançamento do maxixe *Pelo Telefone* (assinado por Donga e Mauro de Almeida), primeiro sucesso carnavalesco identificado como samba. A repercussão avassaladora da música e a polêmica em torno de sua autoria – ela foi uma criação coletiva realizada na casa de Tia Ciata, mas foi Donga quem se apressou para registrar a música – desencadearam uma troca de golpes musicais entre Sinhô (um dos presentes na casa de Tia Ciata) e o grupo de Donga, João da Baiana, Pixinguinha e outros músicos ligados às tias baianas da Cidade Nova (motivo pelo qual eram chamados por Sinhô de “os baianos”, embora fossem quase todos cariocas). O primeiro petardo foi desferido em 1918 por Sinhô (*Quem São Eles?*), respondido triplamente em 1919, por Donga (*Fica Calmo Que Aparece*), Hilário Jovino (*Não És Tão Falado Assim*) e os irmãos Pixinguinha e China (*Já Te Digo*), este último sem poupar munição: “Ele é alto, magro e feio / E desdentado”.

Também foi em 1917 que Pixinguinha passou a se apresentar como flautista no Cine Palais (Avenida Rio Branco), tocando na sala de projeção com a orquestra do cinema, regida por Luís de Souza, responsável pelo convite a Pixinguinha. A temporada teve que ser interrompida em outubro de 1919 devido ao surto de gripe espanhola. E o ano de 1917 registra também a morte de Seu Alfredo da Rocha Vianna, pai de Pixinguinha.

1919 – Já morando na Rua Engenho da Pedra, em Olaria, Pixinguinha compõe nesse ano um clássico de seu repertório: o choro *1 x 0*, inspirado na vitória do Brasil sobre o Uruguai, gol do mestiço Arthur Friedenreich, na decisão do Campeonato Sul-Americano de Futebol daquele ano. Musa inspiradora de Pixinguinha, a vitória alcançada naquela tarde de 29 de maio, no Estádio das Laranjeiras, não significava pouca coisa: foi a primeira conquista da seleção brasileira em sua história.

Passado o surto da gripe espanhola, é hora do Cine Palais reabrir suas portas. Para reinaugurar a casa, o gerente Isaac Frankel foi direto a Pixinguinha, a quem propôs montar um grupo para se apresentar na sala de espera, para fazer concorrência ao Cinema Avenida, onde se apresentava a Orquestra de Cícero Menezes, com grandes músicos, como o trompetista Bonfiglio de Oliveira e o pianista Augusto Vasseur. Foi o próprio Isaac Frankel que deu o nome do novo conjunto: Os Oito Batutas. Formavam o grupo Pixinguinha (flauta), Donga (violão), China (violão e voz), Nelson Alves (cavaquinho), Jacob Palmieri (bandola e reco-reco) e José Alves de Lima, o Zezé (bandolim e ganzá). O anúncio publicado nos jornais convidava os leitores “a ouvir no Cine Palais a Orquestra Típica Oito Batutas. Última novidade no mundo artístico carioca, no seu admirável repertório de música vocal e instrumental brasileira. Maxixes, lundus, canções sertanejas, corta-jacas, batuques, cateretês etc.”. O repertório popular, os trajes nordestinos e a presença de quatro negros no conjunto (Pixinguinha, Donga, China e Nelson Alves) causaram espanto em certos nomes da imprensa, como Júlio Reis, do jornal *A Rua*, que se disse “envergonhado” com aquele “escândalo”. Ainda assim, a temporada foi um sucesso, com grande repercussão nos jornais (inclusive *A Rua*) e com presenças ilustres na plateia, como Rui Barbosa, Ernesto Nazareth e Arnaldo Guinle.

Encantado com a música dos Batutas, o milionário Guinle passou a convidar o conjunto para se apresentar nos saraus em sua mansão em Laranjeiras – mansão que hoje é o Palácio Laranjeiras, residência oficial do governador do estado do Rio e que tinha como jardim a área hoje conhecida como Parque Guinle, assim batizado em sua homenagem. Foi o magnata – um dos homens mais ricos do Brasil – quem convidou os Oito Batutas a viajar em turnê pelo país. Na verdade, seu objetivo era realizar uma

pesquisa musical pelo interior do Brasil, recolhendo ritmos do folclore brasileiro a serem catalogados pelos Batutas em todo local onde eles parassem para se apresentar (seu parceiro nesse inventário era o escritor Coelho Netto). Realizada no mês de outubro de 1919, a turnê/pesquisa começou por São Paulo: os Batutas (reforçados pelo grande violonista João Pernambuco) se apresentaram primeiro na capital e depois em Santos, Ribeirão Preto e em Cravinhos.

1920 – Em janeiro, a expedição musical dos Oito Batutas pelo Brasil segue para Minas Gerais, com apresentações em Belo Horizonte, Poços de Caldas e São João da Boa Vista. Seria a única viagem da turnê nesse ano, que ficaria marcado por duas temporadas do conjunto no teatro. A primeira foi no Teatro São Pedro (atual João Caetano), como uma das atrações da opereta sertaneja *Flor Tapuia*, que tinha no elenco Abigail Maia, Procópio Ferreira (pais de Bibi Ferreira), Jaime Costa e Vicente Celestino, entre outros. A segunda foi no Teatro Recreio, na revista *Se a Bomba Arrebenta*.

1921 – Passado o carnaval, a turnê expedicionária dos Oito Batutas ruma para o Nordeste, com apresentações em Salvador e Recife – e chovem elogios da crítica pernambucana. Seria a última viagem do conjunto relacionada à pesquisa, cujo resultado ninguém sabe no que deu – além das prováveis influências das novas sonoridades sobre a música que era feita pelos integrantes do conjunto, como Pixinguinha e Donga. No restante do ano, o ponto alto se deu em 3 de outubro, quando o conjunto se apresentou no Palácio Guanabara, residência do presidente da República (Epitácio Pessoa), numa recepção ao general francês Charles Mangin. Na ocasião, Pixinguinha e seus companheiros receberam “vivas” do marechal (então general) Cândido Rondon.

1922 – Em 19 de janeiro, Os Batutas embarcam no transatlântico Massília para a França, desembarcando em 11 de fevereiro no porto de Bordeaux. Seriam atração fixa no Dancing Sherazade, que tinha como diretor artístico o dançarino brasileiro Duque, responsável pelo convite ao conjunto brasileiro. Durante a estada de seis meses, custeada por Arnaldo Guinle, o grupo se apresenta também para integrantes da família imperial brasileira, residente na capital francesa.

O sucesso de público e a boa repercussão das apresentações de Pixinguinha e sua turma em Paris – onde ficaram conhecidos como Les Batutas ou L'Orchestre des Batutas – pouco importaram à imprensa brasileira, que, atrás de bigodes aristocráticos e outros resquícios coloniais, brindou os leitores brasileiros com verdadeiras pérolas do racismo. O Diário de Pernambuco publicou texto (assinado por A. Fernandes) se dizendo preocupado com a possibilidade de virarmos piada dos franceses: “Seja como for, o *boulevard* vai se ocupar de nós. Não do Brasil de Arthur Napoleão, de Osvaldo Cruz, de Rui Barbosa, de Oliveira Lima, não do Brasil expoente, do Brasil elite, mas do Brasil pernóstico, negroide e ridículo e de que *la chanson* oportunamente tomará conta”. Já o Jornal do Comércio descreveu Os Batutas como “pardavascos que tocam violas, pandeiros e outros instrumentos rudimentares”, lamentando “não haver uma política inexorável que, legalmente, os fisesse pelo cós e os retirasse de bordo com a manopla rija, impedindo-lhes a partida no *liner* da Mala Real!”.

Voltaram ao Brasil no navio Lutetia, com desembarque no Rio de Janeiro em 14 de agosto. Antes de embarcar para a segunda viagem internacional (em 1º de dezembro, rumo a Buenos Aires), Os Batutas ainda tiveram a oportunidade de participar da primeira transmissão de rádio no Brasil, realizada durante a Exposição do Centenário da Independência, em setembro, quando se apresentaram como atração fixa do pavilhão da General Motors. Pouco depois, seguiram para a capital argentina. Apresentaram-se primeiro no Teatro Empire e, depois, em outras cidades como Rosário, La Plata e Chivilcoy, sempre com grande sucesso. O jornal La Razon chegou a publicar um poema (assinado por Musmée) dedicado “al flautista Alfredo Viana”, em sua edição de 1º de abril de 1923,

que começa assim: “Negro, tu tienes dos alas / y volando por los nidos / recogiste los sonidos / en caprichosas escalas”. Desentendimentos com os produtores locais e com o consulado brasileiro resultaram em sérias dificuldades financeiras para os integrantes do conjunto nos últimos dias da estada, que terminou em abril de 1923.

1926 – Em 31 de julho, estreia no Teatro Rialto (Rua da Ajuda, Centro) a revista *Tudo Preto*, encenada pela Companhia Negra de Revistas, organizada pelo cenógrafo Jaime Silva e pelo cantor, compositor e ator De Chocolat (autor da revista). A ousadia nasceu de conversas de De Chocolat com Pixinguinha, em São Paulo, durante uma excursão dos dançarinos Duque e Gaby. Segundo Jota Efegê (O Globo, 26 de outubro de 1972), a temporada de *Tudo Preto* foi um marco: “Os pretos, marginalizados, sem oportunidade nos palcos da cidade, iam, então, mostrar suas qualidades”. Atuaram em *Tudo Preto* as vedetes Jandira Aimoré, Rosa Negra e Dalva Espíndola (irmã de Araci Cortes) e o ator cômico Mingote, o cantor Covinha, o bailarino Guilherme Flores e o próprio De Chocolat. Todos eram “colored”, como ressalta Jota Efegê – até os 20 integrantes da orquestra regida por Pixinguinha, que era um dos autores das músicas do espetáculo (o outro seria o trompetista Jaime Cirino). A título de curiosidade: foi durante a temporada de *Tudo Preto* que começou o namoro de Pixinguinha com a vedete Jandira (na verdade, Albertina Nunes Pereira). Casar-se-iam em seguida e juntos ficariam até 1972, ano da morte de Betty – apelido pelo qual era chamada por todos, pronunciado Beti. Apesar de algumas críticas preconceituosas (O Malho disse que o teatro seria equipado com “câmaras inodorantes” e o Jornal do Commercio chegou a insinuar que a plateia teria apenas parentes dos artistas), a temporada foi um sucesso, sendo levada até fins de agosto.

Também em 1926, é procurado pelo escritor e pesquisador Mário de Andrade, que recolhia material para um livro que escrevia para ser publicado em breve, com o título de *Macunaíma, o Herói Sem Nenhum Caráter*. No depoimento, Pixinguinha descreveu em detalhes o ambiente da casa de Tia Ciata, terreiro em que se reuniam festeiros e religiosos para festas de candomblé e muita música: choro, samba, maxixe e o que estivesse no repertório dos frequentadores contumazes, como Pixinguinha, João da Baiana, Donga, Buci Moreira (sobrinho de Ciata), Sinhô e outros bambas.

1927 – Em 5 de janeiro, casa-se com Betty. No mesmo ano, o grupo Os Oito Batutas é atração do Cinema Odeon, contratado para acompanhar dois casais de dançarinos norte-americanos. Em 27 de agosto, morre Otávio Vianna, melhor amigo de Pixinguinha. Aos 37 anos, foi vítima do rompimento de um aneurisma na aorta. Em turnê por Santa Catarina com os Oito Batutas, Pixinguinha só soube do falecimento na volta ao Rio.

1928 – Entre os lançamentos de Pixinguinha, o destaque é o choro *Lamentos*, gravado pela Orquestra Típica Pixinguinha-Donga, num disco Parlophon que trazia no lado B o choro *Amigo do Povo*, de Donga. Caíram no agrado do povo, mas não da crítica, como podemos perceber pelo comentário aborrecido de Cruz Cordeiro, que, numa edição da revista Phono-Arte, classificou o disco como “o pior dos quatro que a Orquestra Pixinguinha-Donga oferece”, afinal, “a influência das melodias norte-americanas e mesmo do ritmo das músicas norte-americanas é nesses dois choros bastante evidente”, o que “nos causou sérias surpresas, porquanto sabemos que os compositores são dois dos melhores autores da música típica nacional”. No mês de maio, Os Oito Batutas viram atração fixa no Bar/Restaurante Assírius, localizado no subsolo do Theatro Municipal do Rio.

Em dezembro, a Orquestra Típica Pixinguinha-Donga grava na Parlophon um choro instrumental de inusitadas duas partes – uma a menos do que as três protocolares do choro – chamado *Carinhoso*. Saiu no lado B de um disco Parlophon que tinha no lado

A o maxixe *Não Diga Não*, de autoria de Peri. Novamente, Cruz Cordeiro torceu o nariz para Pixinguinha na Phono-Arte (janeiro de 1929), onde se lê: “Parece que o nosso popular compositor anda influenciado pelos ritmos e melodias da música de jazz. É o que temos notado desde algum tempo e, mais uma vez, neste seu choro, cuja introdução é um verdadeiro foxtrote, que, no seu decorrer, apresenta combinações de pura música popular ianque. Não nos agradou”. Pelo menos, desta vez, Cruz Cordeiro salvou o lado A e estava de acordo com a reação do povo, que não deu a menor repercussão ao lançamento de *Carinhoso*. Nem mesmo após as duas regravações que se sucederam – pela Orquestra Victor Brasileira (1929) e pelo bandolinista Luperce Miranda (34) – a obra-prima de Pixinguinha conseguiu decolar. Composto em 1919, estava engavetado desde então, pois Pixinguinha acreditava que ninguém fosse aprovar, devido à forma inusitada. Teria que esperar mais dez anos...

1929 – Entre os lançamentos musicais de Pixinguinha, neste ano, está o famoso samba maxixado *Gavião Calçado* (com letra de Cícero de Almeida), gravado pelo violonista, cantor e seu cunhado Patrício Teixeira (que era casado com sua irmã Cristodolina, a Nininha). Mais uma vez, Cruz Cordeiro não largou do pé de Pixinguinha, escrevendo assim na Phono-Arte de fevereiro: “Ouçam *Gavião Calçado*. Mais parece um foxtrote do que um samba. As suas melodias, os seus contracantos e mesmo que quase que o seu ritmo, tudo respira a música dos ianques”. Desta vez, no entanto, não foram só bordoadas o que se viu na imprensa: no mês de março, O Jornal publicava entrevista com o jovem compositor Ary Barroso, que não hesitou ao ser perguntado sobre seu compositor preferido: “Em primeiro lugar, o admirável Pixinguinha, o homem das melodias arrebatadoras”. Foi também em 1929 que se instalou no Rio a RCA Victor Talking Machine Company of Brazil, que, nas décadas seguintes, seria uma das grandes gravadoras do Brasil, disputando o topo do mercado com a Odeon, também norte-americana.

Desde o início das atividades no Brasil, a RCA Victor contou com arranjos de Pixinguinha, aprovado num concurso promovido pela gravadora para orquestradores: com *Carinhoso*, nosso personagem tirou o primeiro lugar e conseguiu seu primeiro emprego numa gravadora. Além de arranjos e orquestrações, Pixinguinha tinha como atribuição reger a orquestra da gravadora, que, segundo Sérgio Cabral (*Pixinguinha, Vida e Obra*), mudava de nome de acordo com a música a ser gravada, mantendo-se a mesma base: a Orquestra Victor ficava com as canções mais lentas, os Diabos do Céu tocavam músicas carnavalescas e o Grupo da Guarda Velha acompanhava choros e músicas de sabor africano, além de algumas músicas de carnaval. Quando a RCA Victor lançou sua emissora de rádio – a Transmissora –, Mister Evans, diretor artístico da gravadora, contratou Pixinguinha como flautista e arranjador – tarefa que dividiria com Radamés Gnattali, Iberê Gomes Grosso, Célio Nogueira e outros maestros.

A contratação de Pixinguinha pela RCA Victor trouxe, de certa forma, a solução para um problema que a música popular brasileira – o samba, especialmente – enfrentava nas gravadoras, cujas orquestras eram geralmente comandadas por maestros estrangeiros que regiam músicos (na maioria) estrangeiros. Na praça desde 1917 (ano do lançamento de *Pelo Telefone*), o samba já tinha caído no gosto do povo e até transformação sofreu pelos compositores do Estácio, que cadenciaram seu ritmo, deixando-o mais solto para os desfiles de rua. Mas cadê bossa nas gravações? Entre violinos, *cellos*, violas e outros instrumentos e instrumentistas de concerto, o que menos se ouvia nas gravações de samba era samba. Pois é aí que entra a importância fundamental do Pixinguinha arranjador/orquestrador, como define Sérgio Cabral: “Pixinguinha abrasileirou as orquestrações de forma tão nítida e radical que se pode dizer, sem qualquer medo de errar, que foi ele o grande pioneiro da orquestração para a música popular brasileira. A canção carnavalesca deve a ele uma boa parcela do seu êxito, ao escrever arranjos com destacada participação



da orquestra, criando introduções que ficaram famosas (como a de *O Teu Cabelo Não Nega*, por exemplo) e encontrando soluções inventivas para as músicas mais simples, ao utilizar bem a percussão e ao variar na base das modulações”.

Para dar conta da sonoridade que pretendia, montou um verdadeiro time dos sonhos do choro, com craques como Luís Americano (sax e clarinete), Bonfiglio de Oliveira (piston), Luperce Miranda (bandolim e cavaquinho), Donga (violão, banjo e cavaquinho), Luciano Perrone (bateria), Augusto Vasseur (piano), João da Baiana (percussão) e Esmerino Cardoso (considerado o pai do trombone brasileiro), entre outros. Não havia música de carnaval que escapasse da bossa dessa turma, como, por exemplo, a marchinha *Pra Você Gostar de Mim (Tai)*, primeiro sucesso de Carmen Miranda (de autoria do médico Joubert de Carvalho), gravado em 27 de janeiro de 1930 para estourar dali a alguns dias, no carnaval.

1930 – Além da labuta como instrumentista e arranjador (trabalhando também na direção das orquestras da Odeon, da Parlophon, da Brunswick e, mais adiante, da Columbia), Pixinguinha ainda arrumava tempo para compor. E, neste ano de 1930, o destaque é o pitoresco *Os Home Implica Comigo*, samba brejeiro de Pixinguinha e Carmen Miranda, na primeira das únicas duas incursões da cantora pela composição. Saíram também, nesse ano, dois clássicos do repertório de Pixinguinha: os choros *Segura Ele* e *Aguenta, Seu Fulgêncio*, ambos em parceria com Lourenço Lamartine.

1931 – Última apresentação dos Batutas, no Bar/Restaurante Assírius. Com a base do conjunto, Pixinguinha, Donga e João da Baiana fundam o Grupo da Guarda Velha, que faria apresentações concorridas no carnaval do ano seguinte. Ancorados numa expressão de uso corrente pelo povo, significando “manifestação tradicional”, “coisa antiga”, Pixinguinha (de 34 anos) e seus amigos (Donga tinha 41, João da Baiana, 44) deixavam claro, com o nome do novo conjunto, que estavam comprometidos com a música tradicional brasileira.

1933 – Embora já fosse um nome importante da música popular brasileira, Pixinguinha decide seguir os conselhos dos amigos e estudar teoria musical para valer. Ingressa, em março, no Instituto Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ) e, em outubro, já recebe das mãos do diretor, Guilherme Fontainha, o certificado de conclusão do curso. É deste ano de 1933 outro marco do Pixinguinha arranjador: a famosa marcha junina *Chegou a Hora da Fogueira* (Lamartine Babo), lançada na RCA Victor pelo cantor Mário Reis. Num texto sobre a gravação, o cronista Orestes Barbosa escreve no jornal *A Hora*, edição de 9 de agosto de 1933: “Pixinguinha é hoje o orquestrador mais perfeito dos discos da cidade. O *Chegou a Hora da Fogueira* tem um pedaço em que a música sobe e o povo sente mesmo o balão subindo, na sua vertigem pomposa. O balão e os foguetes. Não precisa de libreto para explicar”.

Quem quisesse encontrar Pixinguinha, que fosse ao Dancing Eldorado, que funcionava onde hoje é o Centro Cultural Carioca, na Praça Tiradentes, e que teve nosso personagem como atração fixa em diversas ocasiões nos anos 30, especialmente nesse 1933. Foi lá que o maestro Radamés Gnattali conheceu Pixinguinha, como está escrito em seu sítio oficial: “Conheci Pixinguinha tocando no Dancing Eldorado na Praça Tiradentes, na década de 30. Era uma pequena orquestra de jazz, como muitas da época. No piano, Centopeia, extraordinário. No ganzá, Vidraça. Eles faziam uma sessão de choro, e eu ali, aprendendo”.

1934 – Sem abandonar o trabalho nas gravadoras, Pixinguinha entra para o serviço público: é nomeado fiscal do Serviço de Limpeza Urbana pelo prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto, que, na verdade, sonhava que nosso personagem organizasse a banda da Guarda Municipal (a função de maestro de banda não existia nos quadros

administrativos da prefeitura). A banda acabou saindo, a muito custo, mas sem qualquer entusiasmo de Pixinguinha, tamanha a falta de comprometimento dos músicos que se apresentaram para integrar o conjunto. Depois, seria transferido para a Secretaria de Viação e Obras Públicas e, mais tarde, seria nomeado professor da Rede Municipal de Ensino, onde atuaria como professor de Música.

1935 – Depois de oito anos tentando um filho, Pixinguinha e Betty adotam um menino, ao qual dão o nome de Alfredo da Rocha Vianna Neto.

1937 – Em julho, o cantor Orlando Silva relança o choro *Carinhoso*, pela RCA Victor, agora com letra de João de Barro. A letra estava pronta desde outubro de 1936, feita de encomenda para a cantora Heloísa Helena, que precisava de uma música para apresentar no espetáculo beneficente *Parada das Maravilhas*, promovido pela primeira-dama Darcy Vargas para arrecadar fundos para a obra social Pequena Cruzada. No lado B do disco de Orlando Silva estava outro clássico de Pixinguinha: a valsa *Rosa*, com letra do mecânico de carros Otávio de Souza. Antes da letra de João de Barro, o escritor Sérgio Cabral conta que *Carinhoso* já tinha recebido versos do paulista Beroit Certain (autor de marchinhas, futuro prefeito da cidade de Jundiaí), mas foram reprovados por Pixinguinha. Para aprender a melodia de *Carinhoso*, João de Barro procurou nosso personagem no Dancing Eldorado, onde o flautista tocou a melodia diversas vezes até que fosse decorada pelo letrista.

Com mais de 400 regravações, *Carinhoso* tornou-se um dos maiores clássicos da música popular brasileira, tendo ficado em primeiro lugar numa seleção – 30 músicas do século XX – realizada pela Rede Globo no ano 2000 (contudo, ficou atrás do samba *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, apontado como *hors-concours*).

Também em 1937, Pixinguinha é contratado para trabalhar na Rádio Mayrink Veiga, como flautista, arranjador e regente. Foi nesta época que passou a se apresentar num quinteto formado com Tute (violão de sete cordas), José Valeriano (violão de seis cordas), Luperce Miranda (cavaquinho e bandolim) e João da Baiana (pandeiro), formação que o inspiraria a compor o belo choro *Cinco Companheiros*, clássico de seu repertório, gravado pelos próprios em 1940, na Odeon.

1938 – É deste ano o lançamento do lundu *Yaô* (Pixinguinha e Gastão Vianna), gravado originalmente como *Yaou Africano*, na RCA Victor, tendo como solista o cantor Patrício Teixeira – cantando com voz macia. Repleta de palavras de origem africana, a letra é um exemplo do linguajar dos negros que vigorou no Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, como um verdadeiro dialeto remanescente do fim da escravidão. Regravado em 1968, no LP *Gente da Antiga*, *Yaô* seria assim apresentado no encarte, com texto de Hermínio Bello de Carvalho, produtor do disco: “Segundo Pixinguinha, Gastão Vianna gostava de fazer sambinhas afro-brasileiros, com palavras africanas. João da Baiana, que sola o número, é quem explica: ‘yaô’ são as filhas de santo do terreiro. ‘Aquicó’ é o galo, ‘peru adié’, a galinha. ‘Jacutá de preto velho’: casa de babalaô. Oxóssi é São Sebastião. Vamos saravá Xangô, vamos saudar São Jerônimo”.

1939 – Num momento de desatenção antes de uma apresentação, tem sua primeira flauta roubada na chapalaria do Clube Municipal, na Tijuca. No mesmo ano, compra uma casa em Ramos, na Rua Belarmino Barreto, 23, livrando-se de uma vez do aluguel. Dos 35 contos que custou a casa, pagou cinco de entrada e o restante seria saldado a prestação.

1940 – Duas mortes abalam Pixinguinha: do amigo Bonfiglio de Oliveira e da mãe, Dona Raimunda. Em 7 de agosto, chega ao Rio, a bordo do navio Uruguay, o maestro inglês Leopold Stokovski, para dois concertos no Theatro Municipal com a sua All

American Youth Orchestra. Após as récitas, o regente volta para o navio, onde realiza gravações para o Congresso Pan-Americano de Folclore, com músicos brasileiros arregimentados por Villa-Lobos. Pixinguinha participa das gravações no navio, tanto como compositor (de *Zé Barbino*, em parceria com Jararaca), quanto como instrumentista, tocando sua flauta nas gravações de *Pelo Telefone*, *Que Quere Quê*, *Caboclo do Mato*, *Ranchinho Desfeito* e outras músicas. Também participaram das gravações comandadas por Stokovski: Cartola, Donga, João da Baiana, Luís Americano e Jararaca, entre outros grandes personagens da música brasileira. O resultado das gravações foi o álbum *Brazilian Native Music*, lançado pela Columbia norte-americana e jamais comercializado no Brasil.

1941 – No carnaval, o povo conhece outro golaço do arranjador Pixinguinha: a marchinha *Alá-la-ô*, de Haroldo Lobo e Nássara. O alcoolismo se aprofunda e Pixinguinha passa a faltar ao trabalho na Rádio Mayrink Veiga, diminuindo consideravelmente a quantidade de apresentações e arranjos. Atrasa o pagamento das prestações da casa e a dívida cresce assustadoramente. Passam a ameaçá-lo de tomar o imóvel.

1942 – Sai o último disco de Pixinguinha como flautista: um 78 rotações da Odeon com os lançamentos de *Chorei* (lado A) e *Cinco Companheiros* (B), ambos gravados em 1940. A partir daí, só se apresentará ou gravará com o saxofone tenor, numa transição que motivou diversas especulações: a de que teria perdido a embocadura por conta de problemas dentários, a de que estava com as mãos trêmulas (decorrência do alcoolismo) e já não conseguia mais manejar a flauta com destreza, mas o fato é que o próprio Pixinguinha nunca teve vontade de se explicar sobre a troca da flauta pelo sax. Em *Pixinguinha, Vida e Obra*, Sérgio Cabral cita uma crônica do jornal O Globo (publicada em fevereiro de 1944) em que um certo Jack – pseudônimo de Henrique Pongetti – descreve um sarau em Botafogo onde Pixinguinha teria justificado o abandono da flauta, como resposta aos presentes, que insistiam que ele tocasse flauta naquela noite: “Um dia, cismeiquei que não tocava mais como queria. Comecei a ter medo. Medo de que notassem os defeitos que eu notava na minha execução”.

Quem aparece para salvar Pixinguinha da falta de trabalho e da iminente perda da casa é o músico e compositor Benedito Lacerda, já então conhecido pela grande habilidade como flautista e pela esperteza nos negócios. É ele quem consegue, com a editora Irmãos Vitale, o valor necessário para nosso personagem saldar a dívida já acumulada com as prestações vencidas. O dinheiro seria pago a título de adiantamento, pela gravação de 25 discos pela nova dupla na gravadora RCA Victor: Benedito na flauta, Pixinguinha no sax tenor. Mais: a partir dali, Benedito seria parceiro de Pixinguinha em todas as músicas que gravassem, mesmo aquelas compostas bem antes de Benedito sonhar ser músico profissional, como *1 x 0*, *Sofres Porque Queres*, *Oito Batutas* e muitas, muitas outras. Negócio fechado.

1945 – No dia 19 de abril, Pixinguinha realiza as primeiras gravações com Benedito Lacerda, de volta à RCA Victor. Gravam, no lado A, *Variações Sobre o Urubu e o Gavião* (que é o velho *Urubu Malandro*, agora assinado por Pixinguinha e Benedito Lacerda) e, no lado B, uma certa *Flauta e Pandeiro*, só de Benedito. “Se Pixinguinha fez ou não um bom negócio, só os especialistas em transações financeiras poderão dizer”, avalia Sérgio Cabral. “Mas que a música brasileira foi enriquecida por algumas das melhores gravações de choro de todos os tempos, isso foi. Benedito foi um flautista admirável e Pixinguinha, com os contrapontos mais requintados, aperfeiçoando o que ouvira desde menino no oficleide de Irineu de Almeida, abriu novos caminhos para a música instrumental brasileira.”

Houve quem lamentasse o abandono da flauta por Pixinguinha e, sobretudo, sua passagem à condição de “pano de fundo” de outro solista, ainda que este solista fosse

o afamado Benedito Lacerda. Mas o fato é que, no novo dueto, Pixinguinha continuou a dar provas de sua genialidade, criando um tipo de contraponto que, segundo o compositor e pesquisador Brasília Itiberê, “é um dos elementos mais complexos e de maiores consequências estéticas que existe na música popular brasileira”. Nessa primeira formada de 34 (e não 25) discos de Pixinguinha e Benedito Lacerda pela RCA Victor, foram registradas algumas gravações antológicas da obra de nosso personagem, como *O Gato e o Canário*, *1 x 0*, *Vou Vivendo*, *Pagão* e *Sofres Porque Queres*. Também foi gravado pelo novo duo o choro *Ingênuo*, preferido de Pixinguinha. Dali a alguns anos, o grande músico Jacob do Bandolim – fã ardoroso de nosso personagem – faria uma letra para *Ingênuo* e mostraria ao compositor, mas nunca seria gravada.

Outro que acolhe Pixinguinha no momento de extrema dificuldade – mas sem cobrar nada em troca – é o radialista, compositor e cantor Henrique Foréis Domingues, o Almirante, que em julho de 1945 faz a Rádio Nacional contratá-lo. Contudo, por não se entender com a nova diretoria da emissora, Almirante se transfere em julho do ano seguinte para a Rádio Tupi, levando com ele o amigo. Começa a criar um novo programa que terá Pixinguinha como atração.

1946 – É deste ano o lançamento do lundu *Benguelê*, outro “samba africano” em parceria com Gastão Vianna (o mesmo parceiro de *Yaô*), em gravação dos Anjos do Inferno. Merecem destaque na gravação as falas dos integrantes do conjunto, como “Viva o povo de umbanda”, “Viva o povo de todas as linhas”, “Deus é grande, meu fio”, talvez para dar um clima “macumbeiro” ao registro, já que, além da música de Pixinguinha e da letra de Gastão Vianna, a sonoridade do fonograma pouco remete ao ambiente de terreiro. O mesmo não se pode dizer da gravação mais conhecida de *Benguelê*, realizada na voz ancestral de Clementina de Jesus no LP *Rosa de Ouro*, lançado em 1965 com o registro do espetáculo homônimo, produzido naquele ano por Hermínio Bello de Carvalho, no Teatro Jovem, em Botafogo.

1947 – Estreia na Rádio Tupi o programa *O Pessoal da Velha Guarda*, criado por Almirante, que homenageava o grupo criado por Pixinguinha 15 anos antes. A apresentação era do próprio Almirante e a música ficava a cargo de Pixinguinha (sax tenor) e Benedito Lacerda (flauta), mais um regional formado por grandes músicos: Dino (violão de sete cordas), Meira (violão de seis cordas), Canhoto (cavaquinho), Gilson (pandeiro) e Pedro da Conceição (percussão). Com duração de meia hora, *O Pessoal da Velha Guarda* teve apresentações semanais por cinco anos, até 1952.

1948 – Em 11 de agosto, Pixinguinha paga a última prestação de sua casa, quitando a dívida contraída em 1939.

1953 – Em março, Pixinguinha começa a frequentar o bar Gouveia, que seria seu “escritório” de todos os dias até a morte, dali a 20 anos. Localizado na galeria do Edifício dos Empregados no Comércio, na Travessa do Ouvidor (Centro), também era conhecido como Whiskeria Gouveia, com suas paredes almofadadas e um filé com fritas de respeito. Foi o violonista Patrício Teixeira que apresentou o bar a Pixinguinha, que contava: “Fui tomar um negócio e fui ficando acostumado, porque não gosto de ficar mudando de ponto”, disse a Marília Barboza e Artur de Oliveira Filho na biografia *Pixinguinha: Filho de Ogum Bexiguento*. “O velho Gouveia tinha um armazém na frente, depois foi se modificando. Parece até emprego. Você chega lá e me encontra. Na época da cachaça, eles não me cobravam nada.” Já Sérgio Cabral conta que o Gouveia “se transformaria numa espécie de segundo lar, pois, até a véspera de sua morte, de segunda a sexta-feira, lá estava ele, das 10 às 13 horas, religiosamente”. Atualmente, o local é lembrado em um mural pintado numa parede da rua e por uma estátua caricaturada de Pixinguinha (feita pelo escultor Otto Dumovich), localizada em frente ao local onde era o bar.



1954 – Em 25 de abril, participa das festividades do quarto centenário da cidade de São Paulo, apresentando-se no Parque do Ibirapuera no evento Festival da Velha Guarda, com Almirante, Donga, João da Baiana, Benedito Lacerda e outros craques do samba e do choro nos anos 10, 20 e 30. As apresentações foram filmadas pelo fotógrafo húngaro Thomaz Farkas e integram um documentário que pode ser visto no sítio virtual do Instituto Moreira Salles.

1955 – Em julho, participa do espetáculo *O Samba Nasce no Coração*, produzido por Zilco Ribeiro e dirigido por Lucio Rangel, na Boate Casablanca, na Praia Vermelha (Urca). Além das pernas e plumas das vedetes Consuelo Leandro, Carmem Verônica e Anilza Leoni, o show tinha como atrativo a música, que era apresentada por craques como Ismael Silva, Ataulfo Alves e o grupo da Velha Guarda, isto é: Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Leo, Alfredinho, Bidi, J. Cascata, Waldemar e Mirinho.

1956 – A Rua Belarmino Barreto, onde Pixinguinha morava com Betty desde 1939, vira Rua Pixinguinha, por iniciativa do vereador Odilon Braga. A inauguração da placa se deu numa grande cerimônia, com direito a palanque montado em frente à casa do mestre chorão e discurso do prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Negrão de Lima.

1957 – Encontro dos gênios do choro e do jazz: em 27 de novembro, Pixinguinha conhece Louis Armstrong, num almoço oferecido pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek, ao grande compositor e trompetista americano, no Palácio Laranjeiras. Também prestigiaram o evento Dorival Caymmi, Ary Barroso, João de Barro, Herivelto Martins, Lamartine Babo e Ataulfo Alves, entre outros compositores brasileiros.

1958 – Com o conjunto Velha Guarda, Pixinguinha se apresenta na recepção festiva à seleção brasileira após a conquista da primeira Copa do Mundo, na Suécia. Quem testemunhou foi Sérgio Cabral: “Conheci Pixinguinha durante a chegada da seleção brasileira campeã mundial, em 1958. Eles vieram direto para a redação da revista O Cruzeiro, na Rua Sacadura Cabral, e foram recebidos com música pelo conjunto do Pixinguinha e a Velha Guarda. Eu, que estava lá e já era fã, aproveitei o intervalo da música para conversar com ele. Queria puxar o saco do Pixinguinha. Ele me disse que era Vasco, fiquei todo bobo, e aí ele me pediu para eu apresentá-lo aos três jogadores do Vasco campeões do mundo: Orlando, Vavá e Bellini. Ele ficou feliz. Conheci também o Valdemar (cavaquinho) e o Artur (violão), que passaram a me telefonar chamando para as rodas de choro. Claro que eu ia! Em tudo quanto era lugar, nos anos 50 e 60, sempre no subúrbio. Eles me chamavam e eu ia. Tenho imagens de casas que não tenho a menor ideia de quem eram”.

1966 – A cantora Elizeth Cardoso lança o samba *Mundo Melhor*, de Pixinguinha e Vinicius de Moraes. A parceria entre os dois não foi das mais produtivas, mas o encontro “foi uma coisa dos deuses, nenhum casamento valeu tanto dentro da alma quanto essa parceria com Pixinguinha”, disse a atriz baiana Gesse Gessy, sétima esposa de Vinicius e integrante do filme *Sol Sobre a Lama* (Alex Vianny), para o qual foi feito este samba, em 1963. Além de *Mundo Melhor*, Vinicius escreveu letras para outras cinco músicas (das 12) de Pixinguinha incluídas no filme de Alex Vianny: *Iemanjá*, *São Francisco de Ouro*, *Samba Fúnebre*, a valsa *Seule* e o choro *Lamentos*, que na versão letrada virou *Lamento* – lançada neste mesmo ano de 1966, pelo MPB-4.

Também em 1966, Pixinguinha grava depoimento para a posteridade no Museu da Imagem e do Som. A quantidade de imprecisões no depoimento de nosso personagem leva o grande músico Jacob do Bandolim (amigo e admirador ardoroso de Pixinguinha, além de pesquisador meticoloso) a vasculhar informações sobre o passado do ídolo. A principal “revelação” ele fez na Igreja de Santana, onde descobriu – na certidão de batismo – que Pixinguinha não havia nascido em 1898, como todos acreditavam (e já

tinham escrito em incontáveis matérias de jornal e verbetes de enciclopédia), mas em 1897. Diante da “novidade”, Pixinguinha pede ao amigo que mantenha o documento em sigilo, para não atrapalhar as homenagens que já estavam marcadas para 1968. Com a morte do bandolinista, em 1969 (aos 51 anos, vítima de ataque cardíaco), a descoberta da data certa do nascimento de Pixinguinha só seria revelada dali a algum tempo pela viúva (Adília) e pela filha (Elena) de Jacob do Bandolim.

1968 – Ao lado de Clementina de Jesus e João da Baiana, lança o LP *Gente da Antiga*, produzido por Hermínio Bello de Carvalho. Com o propósito de “reviver as antigas festas da Penha” (palavras de Hermínio na contracapa), o disco foi gravado em apenas três dias, em 10, 11 e 17 de janeiro de 1968. O repertório, formado quase todo por clássicos do choro regravados, traz ainda três lançamentos: dos choros *Elizete no Chorinho* e *Aí, Seu Pinguça* (Pixinguinha) e do samba *Batuque na Cozinha*, composto e interpretado por João da Baiana.

Em 18 de maio de 1968, o Museu da Imagem e do Som promove no Theatro Municipal o espetáculo *Pixinguinha 70*, em homenagem ao suposto 70º aniversário de nosso personagem. De um dos camarotes, Pixinguinha viu suas músicas serem interpretadas por Radamés Gnattali, Jacob do Bandolim, o conjunto Época de Ouro e outras atrações.

1970 – Pixinguinha e Betty se mudam para Inhaúma, passando a morar no Conjunto Residencial dos Músicos, bloco 10, apartamento 101. Vizinho de antigos companheiros de samba e boemia, como Bide e Buci Moreira, nosso personagem elege a Confeitaria Deise como seu novo “escritório”, mas só nos fins de semana, pois de segunda a sexta a ida ao Gouveia continua sendo sagrada.

1972 – No dia 7 de junho, morre Betty, aos 74 anos. Com complicações cardíacas, ela estava internada desde maio, sem muitas perspectivas de recuperação. Durante sua internação, Pixinguinha também teve um princípio de infarto.

1973 – No domingo de carnaval, dia 17 de fevereiro, Pixinguinha veste o terno marrom e sai de Inhaúma rumo à Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, para batizar o menino Rodrigo, filho de seu amigo Euclides Souza Lima. Na hora de assinar seu nome no livro da igreja, cai em pleno altar, fulminado por um infarto. Encharcada por um temporal que desabou naquele momento, a Banda de Ipanema, que já desfilava pelo bairro, passava ao lado da igreja quando a notícia da morte de Pixinguinha se espalhou no boca a boca de seus foliões. O desfile terminou em frente ao templo, onde alguns fãs tentaram entrar, mas foram impedidos por soldados da Polícia Militar.

1974 – No carnaval seguinte, Pixinguinha é homenageado pela escola de samba Portela, que desfilou com o belo samba-enredo *O Mundo Melhor de Pixinguinha*, de Evaldo Gouveia e Jair Amorim. A escola de Oswaldo Cruz acaba conquistando o vice-campeonato do carnaval carioca, vencido naquele ano pelo Salgueiro. No mesmo ano, a Rede Globo exibiu a novela *Carinhoso*, de Lauro Cesar Muniz, que trazia na abertura uma interpretação jazzística de Márcio Montarroyos para a música-título da novela.

1977 – A recém-criada Fundação Nacional de Arte (a Funarte, então ligada ao Ministério da Educação) lança uma série de shows itinerantes pelo Brasil, dando à iniciativa o nome de Projeto Pixinguinha – “um projeto carinhoso”, dizia o slogan da primeira temporada. Realizado desde então (continuamente até 1989 e, depois, com muitas interrupções), é a iniciativa mais bem-sucedida e conhecida da Funarte. O primeiro show do projeto foi realizado em 5 de agosto de 1977, no Teatro Dulcina, com Nana Caymmi e Ivan Lins.

1983 – Nos dez anos de morte de Pixinguinha, a Sala Funarte Sidney Miller apresen-

ta o show *Uma Rosa para Pixinguinha*, com Elizeth Cardoso, Radamés Gnattali e a Camerata Carioca. O registro do show – produzido por Hermínio Bello de Carvalho – é lançado em disco pela Funarte neste mesmo ano.

\* Pedro Paulo Malta é músico, jornalista e pesquisador de música popular brasileira. Foi consultor da série *Pequenos Notáveis*, produzida pela MultiRio, que mostra a vida e a obra de grandes compositores brasileiros a fim de inspirar crianças de 9 a 14 anos a descobrir suas aptidões.